

## TERCEIRO ATO

É tardinha. Ao subir o pano, Marcolino e Albertina jogam Gamão, e Nicolau aperúa. Garibaldi leciona a Catarina.

### Cena I

Marcolino, Garibaldi, Nicolau, Albertina e Catarina

GARIBALDI (com um livro à mão) — Olhe preste bem atenção. Em francês, **O U** pronuncia-se **U**. Exemplo: Beaucoup. Beaucoup serré é uma locução adverbial. (Continua por mímica).

MARCOLINO (bota os dados) — Seis e ás.

ALBERTINA — Casa faz. (Noutro tom) — E o meu noivo, que nunca mais apareceu, hein? (Bota os dados) — Cinco e três.

MARCOLINO — Casa fez. (Noutro tom) E nem aparece. Enquanto ele se lembrar dos sapatos que apanhou.

ALBERTINA — Há de voltar. Verá (Bota os dados) — Seis e seis.

GARIBALDI — **E A U** pronuncia-se **OU**. Exemplo: Chateau. Leia aqui comigo (Aspirando) — Hum! Que cabelo perfumados!...

CATARINA (soletrando) — C-h-a, chá, t-e, te, a-u, chateau.

GARIBALDI — Chateau o que!... Eu não lhe disse que **E A U** equivale a **OU**. É chatô. (Continua as explicações em voz baixa.

ALBERTINA (10) (bota os dados) — Duques!... Dou em duas pedras suas. Já viu?

MARCOLINO — Já. Já vi. Pode dar. (Bota os dados) — Cinco e quatro. Eu também só boto pontos ruins...

ALBERTINA — Senas. Magníficas. Vou tratar de sair. (Faz o jogo e olha para Garibaldi)

MARCOLINO — É por isso que eu não gosto de jogar com mulhé. São daniskas pra fugir. E é um joguinho apertado, todo medroso. Não expõe u'a pedra...

GARIBALDI (para Catarina) — A Albertina tem um olho no gamão e outro em cima de nós. (Continua por gestos).

---

(10) Esta fala e a seguinte eliminadas no original.

MARCOLINO (bota os dados) — Cinco e quatro. É muito caiporismo. Ainda cinco e quatro!

ALBERTINA — Não tem. Está se fazendo, viu? (Bota os dados)

MARCOLINO — Ou peru de pé frio... Nicolau!

NICOLAU — Inhô.

MARCOLINO — Vai ver se eu 'stou lá dentro; na sala de jantar ou na cozinha.

NICOLAU — Eh! Eh! Eh! Tá inhô não. T'aqui apanhando da Bertina.

ALBERTINA (bota os dados) — Ternura de um peito amante.

MARCOLINO — Homem vá pro diabo cum tanta parêlha.

GARIBALDI — Olhe: quando mesmo a senhora não goste de mim, finja corresponder ao meu afeto, porque (Marcolino olha-o)  
**O I** pronuncia-se como se fosse **UA** — Exemplo: Moi, usado na expressão popular — pruriba de moi.

ALBERTINA — Vou começar a comer. (Bota os dados. Faz o jogo e olha para os dois).

GARIBALDI (declamando) — O meu peito é o himalaia do amor!  
Que bela frase, hein?

CATARINA — Fale baixo. Ói o pa-pai.

GARIBALDI (baixo) — Eu estou dizendo que o meu peito...

CATARINA (interrompendo-o) — Fale mais baixo.

GARIBALDI (mais baixo) — ...é o himalaia...

CATARINA (interrompendo-o) Mais baixo.

GARIBALDI (mais baixo ainda)... do amor.

ALBERTINA — Faltam três pedras apenas. (Sacode o bozó) Sobre aqui, Nicolau. (Nicolau sopra e Albertina bota os dados) — Quadras!... Gamão cantado. Meu tio já devia oito, com quatro agora — doze. Nma dúzia, heim? (Arranca as pedras).

NICOLAU — Santa Barba! São Jerome! iss'é um fim de mundo... Home apanhando de muié!...

MARCOLINO — Sabe o que mais? Vá aperuá o dimônio... (Ergue um braço e Nicolau foge para o meio da cena)

NICOLAU — Eh! Eh! Eh! O véi tá brabo!...

MARCOLINO (arrumando as pedras) — Iss'é besta pra burro. (Noutro tom) Mais é verdade, eu levar gamão, cantado de uma pixota.

ALBERTINA (acabando de arrumar as pedras) — Si meu tio apanha de u'a pixota, como eu, avalie de um mestre.

MARCOLINO — Isto é um jogo de azar... Só depende mesmo de felicidade nos dados. (Noutro tom) — Saia.

ALBERTINA (bota os dados) — Azes. (Faz o jogo e oiha para os dois).

MARCOLINO (bota os dados) — Senas. Comecei bem desta vez.

GARIBALDI (continuando) — Sim. Perfeitamente. O beijo que Edmund Rostand definiu, no *Cyrano de Bergerac*, como “o ponto róseo no i do verbo aimer” e houve quem traduzis-se como “o ponto róseo no i do verbo idolatrar”, o beijo que alguém julga, — e com razão — “o ponto róseo no i do lábio, que se adora, o beijo (Marcolino fita-o) é n soa an. Exemplo: Rien. Rien de tout. Não é assim mesmo, Coronel?

MARCOLINO — Eu lá sei dessa chumurela. (Bota os dados) Cornélio aparece ao fundo) — Duques. Este eu vou ganhar na certa. É é gamão.

ALBERTINA — É melhor não cantar vitória antes do tempo.

## Cena II

Os mesmos e Cornélio Mirabeau

CORNÉLIO (para Marcolino) — Don... dona Di... si... deria is... is-tá, tá im ca... sa?

NICOLAU (arremedando-o) — Istatá im cacasa?

MARCOLINO (para Nicolau) — Que diabo é isto, homem?! Vá embora. Não me atrapalhe o jogo. (Bota os dados) — Três e az.

CORNÉLIO — Eu... vem... venho có... có... có... có...

NICOLAU — É vê galinha quando põe. Có... có... có... có. Cocórocó. — Cocórocó — Cocórocó...

CORNÉLIO (continuando) — Co... cobrar.

ALBERTINA — Pode retirar-se. Minha mãe está doente. (Bota os dados) — Seis e cinco.

CORNÉLIO (para Albertina) — Não... não... vou... sem... sem... re... ceber a... conta! (11)

ALBERTINA (enérgica) — Não me aborreça, sabe?

MARCOLINO — Mas, afinal de contas, de onde diabo saiu esse gago?

ALBERTINA — Isto é um mísero cadáver.

MARCOLINO (levantando-se de um salto) — O que?! É um cadáver?!

NICOLAU — Tá cum mêdo meu véi. Eu tou aqui. (Albertina levanta-se).

GARIBALDI (aproximando-se) — Sim, Coronel. É um credor.

MARCOLINO — Ah, é um credô? Eu já coidava qui era algu'a alma do outro mundo; algum cadáve já morto.

ALBERTINA (para Garibaldi, passando) — Faça o senhor o favor de não se intrometer onde não for chamado. Isso é uma das regras comezinhas da civilidade. (Garibaldi faz-lhe uma careta de desdém e volta para o lado de Catarina).

---

(11) As duas falas seguintes eliminadas no original

CORNÉLIO — (Eu... Eu... já... já... is... is... isso...

NICOLAU — Isss-te-tei!... É foguete.

CORNÉLIO (continuando) — Is... tou tou... chi... chi... chi...

NICOLAU — Chiii! Agora é buscapé. (Cantarolando) “E é foguete, é buscapé, fogo do á... Venhum vê este sujeito, qui só sabe é gaguejá...”

MARCOLINO (para Nicolau) — Deixa de besteira, Nicolau. (Para Cornélio) — Então vem receber u’a conta da Desidéria?

CORNÉLIO — Tá... ta qui. (Tira da pasta e mostra).

MARCOLINO — Chi! Quinhentos miréis.

ALBERTINA (furiosa para Cornélio) — Retire-se. Não me gagueje aqui mais nem uma palavra. Patife!

MARCOLINO (colocando-se de permeio) — Albertina!... Arrespeita o cadáver de tua mãe.

CORNÉLIO — Lu... lu...

NICOLAU — Lulu é a cachorra da mamãe.

CORNÉLIO (continuando) — Lu... lu... xá sem... sem... pu... der... e des... pois...

MARCOLINO (interrompendo-o) — Eu me responsabilizo pelo pagamento. seu... seu... (À parte) — Home essa doença pegará? (Alto) Como é a sua graça?

CORNÉLIO — Cor... cor... nélio. Mi... mi... rabeu.

GARIBALDI — Mirabeau!... Oh! Um Mirabeau gago?!

ALBERTINA (para Marcolino) — A mamãe quer vender a casa para ver-se livre dos cadáveres.

GARIBALDI (para Marcolino) — Isto é um pessoal atrevido, Coronel. Numa ocasião cheguei em casa com a cabeça partida por um cadáver. Se eu pudesse matava todos os cadáveres.

MARCOLINO (para Cornélio) — Me diga uma coisa, seu Cornélio. Você é gago de nascença, ou foi algum susto que apANHOU?

GARIBALDI — É de nascença coronel. Ele mora vizinho ao Castelo...

MARCOLINO (interrompendo) — Ao castelo?

GARIBALDI — Sim. Eu resido no Castelo dos Piratas. É u’a república, sabe? E ele mora com a família parede e meia. A mãe...

MARCOLINO (interrompendo-o) — A mãe dele.

GARIBALDI — Naturalmente, Coronel. A mãe dele é gaga e todos os filhos nasceram gagos.

MARCOLINO — Ah, antonce é a marca da fábrica. (Para cornélio) Pode ir-se embora, meu amigo, e fique descansado. Hoje eu não prometo, mas amanhã, com certeza, hei de aparecer lá. Em que rua é?

CORNÉLIO — Ma... má...

NICOLAU — Ma-má! Vá mamá no inferno!

CORNÉLIO — Ma... jor Fa... cundo. Du... dú...  
NICOLAU — Dudu é o jumento do papai.  
MARCOLINO — Cala a boca Nicolau.  
CORNÉLIO — Du... zentos e... vin... te... dois... A...a...deus,  
NICOLAU (arremedando-o) — A... a-deus. (Cornélio sai E. A.)

### Cena III

Os mesmos menos Cornélio

ALBERTINA — Vamos entrar meu tio?  
MARCOLINO — Vamos. (Para Garibaldi) — Então como vai a moça, seu Garibaldi? Está adiantada? Já pode entrá im concurso?  
GARIBALDI — Já Coronel. Em francês já aprendeu vários vocabúlos e locuções adverbiais. Já sabe dizer chateau, Rien de tout, Pur riba de moi, beaucoup serré...  
MARCOLINO — Não me vá insiná nome fêi a menina, seu Garibaldi.  
GARIBALDI — Oh, Coronel, eu sou incapaz... (Noutro tom) — Quanto ao vernáculo, já lê, correntemente: “Eva viu a uva”.  
MARCOLINO — Muito bem. Não quer entrar um pouco?  
GARIBALDI — Obrigado. Vou fazer uma exploração e depois volto.  
MARCOLINO — Então com licença. (Passa Catarina). Guarda o gamão Nicolau. (Entram os três).  
ALBERTINA (desdenhosamente) — Cavalheiro!...  
GARIBALDI (idem) — Cavalheira! (Albertina entra em casa e Benedito aparece).

### Cena IV

Garibaldi e Benedito

GARIBALDI (vendo Benedito. A parte) — Temos xaréu no mangue. (Alto) Os Caetetú! Muito apaixonado ainda, não?  
BENEDITO — Cada vez pior. É uma coisa medonha. O coração...  
GARIBALDI (interrompendo-o) — O coração é o pêndulo universal dos ritmos, disse Raul Pompéia.  
BENEDITO — Eu ando mesmo ruim dos pés. Já perdi até o jeito de andar. Quando me vejo junto dela, aí então, eu fico é todo cheio de dedos... A tal pequena me transformou o quengo. (Noutro tom) Negra tristeza o meu semblante encova...  
GARIBALDI — Nada de tristezas, homem. Coração ao largo. Nós não nascemos para gemer num vale de lágrimas, e sim para gozar o infinito prazer da vida...

BENEDITO — Lá isso é verdade. Mas o que eu hei de fazer? (Noutro tom). Ou mundo vil, chêi d'inclemência! Medonho abismo negro e tenebroso!... Não profana...!

GARIBALDI — Olhe: julgo conveniente você mudar de rumo.

BENEDITO — Eu acho que vou mudar é de tática.

GARIBALDI — Já reparou como é também encantadora a matutinha do Cariri — a filha do Coronel Marcolino? É uma mulher soberba.

BENEDITO — São as que eu prefiro. (Noutro tom) Mais o diabo é que eu também já reparei que, quando a gente quer tomar chegada, o pai vai logo murchando as orelhas.

GARIBALDI — Está com medo de algum... (Atira o pé) — Não seria o primeiro, de certo. São os ossos do ofício...

BENEDITO — Eu até não me tenho dado mal com as matutinhas, não. De u'a feita eu namorei u'a do Riacro Fundo — n'Aracoiaba (12) que era mesmo um manjá de rei. (Beija a ponta dos dedos) Papafina! Dediquei-lhe até u'a modinha da minho modesta lavra.

GARIBALDI — Da sua lavra?... É poeta?

BENEDITO — E quem não é poeta em nossa terra? Sob este céu de safira que tanta beleza encerra! (Teatralmente)

Se poeta é ter na fonte  
Um diadema de luz!...

Estrela, que ao horizonte  
Do futuro nos conduz!...

É ser escravo da musa,  
Sentindo o horrível choque  
De desesperos brutais (13)

É ter a alma contusa  
Pelo terrível estoque  
Dos cataclismas fatais...  
Que em vagalhões infernais,  
Nos arrastam de reboque!...

GARIBALDI — Toque (apertando-lhe a mão) espiritual confrade. Você é mesmo batuta, polimaticamente falando.

BENEDITO — Você ainda não viu nada...

GARIBALDI — O seu estilo condoreiro e alcandorado, pela magnitude das imagens e opulência da rima, faz-me lembrar "La Legenda des siécles" do genial Hugô. Conhece Hugô?

BENEDITO — De vista. (Garibaldi morde os lábios para não rir).

---

(12) Aracoiaba, município cearense

(13) Este verso e os dois seguintes: eliminados no original.

GARIBALDI — E a modinha, não a canta?

BENEDITO — Quer ouvi-la?

GARIBALDO — Está claro.

BENEDITO — Então... lá vai mècha. (Dança e depois canta)

Cabocla dengosa  
Apetitosa como o dianga  
Sua boca mimosa  
É vermelha qui nem pitanga.

GARIBALDI (repete) —

Cabocla dengosa  
Apetitosa como o dianga  
Sua boca mimosa  
É vermelha qui nem pitanga.

BENEDITO —

Tive uma namorada  
Linda flor lá do sertão  
Era muito avoadada  
Moça levada do cão...

GARIBALDI —

Teve uma namorada  
Linda flor lá do sertão  
Era muito avoadada  
Moça levada do cão...

BENEDITO —

Qui coisa tão boa,  
Quando a gente, com jeito, alcança  
De amor um beijinho,  
Puxado cum bem sustança...

GARIBALDI —

Ai, ai, ai, como é bom,  
Meu serafim...  
É melhor que bombom  
Um beijinho assim!...

OS DOIS —

Ai, ai, ai, como é bom,  
Meu serafim...  
É melhor que bombom  
Um beijinho assim!...

GARIBALDI — Bravos homem! Você tem inspiração pra burro.  
Isto é puro Verlaine. Também conhece Verlaine?

BENEDITO — Homem parece que já ouvi falar nesse bicho.

GARIBALDI — É bichão. (Noutro tom) — Até depois. Tenho  
necessidade urgente de dar um giro. (Sai F.) (John entra  
D. B.)

BENEDITO — Adeus. (A parte acompanhando-o com a vista) —  
Esse homenzinho é pirata, é u'a fera!...

## Cena V

### Benedito e John

JOHN (por trás de Benedito) — Oh, míster polícia.

BENEDITO (voltando, assustado) — Ôi!... (Noutro tom) Ah, é o senhor, Míster John Robertson Taylor? Yes. (apertando-lhe a mão) — Como passa o senhôrr...

JOHN — Oh, mim passa muita triste.

BENEDITO — Triste?! (Recitando) Negra tristeza o teu semblante encova! (Noutro tom) — Eu também estava assim indagorinha; tristonho e jururu, que nem urubu. Mas seu Garibaldi Leão Bravo deu-me uma injeção de coragem e eu fiquei lépido e trépido.

JOHN — Oh, injeção corrage?

BENEDITO — Sim. Porque, num vê que a pequena que eu namoro está me tratando com um certo desdém...

JOHN — Não quer saber, senhôrr?

BENEDITO — Ela diz que não. Mas quem sabe lá? A mulher é um animal tão complicado! Muitas vezes quando ela diz que não quer, é porque tá querendo. Eu conheço isto... Tenho longa prática desse negócio de mulheres.

JOHN — Senhôrr sêrr viúva?

BENEDITO — Viúva?! Não senhor. (À parte) — Esse ingles é danado pra invertê o séc-sico da gente! (Alto) Viúva é a minha mãe. Mora lá nas Cambirimbas. (Em tom incisivo) — E é uma viúva honesta, sabe?

JOHN — Oh mim non estarr dividando.

BENEDITO (ainda em tom forte) — E eu não admito dúvidas a respeito, tá ouvindo? (Baixando a entonação) Mas por que razão está o senhor tão macambúzio?

JOHN — Macambuzia?

BENEDITO — Sim, tão triste?

JOHN — Oh, mim veio ontem pedir mão meu namorada, velho Marcolina diz querr vendêrr menina oito contos.

BENEDITO (espantado) — O que?! Você está doido?! Ist'é um crime, previsto pelas lêzes, artigo 68, parágro 49, da consolidação das Alfândegas.

JOHN — All right. Velho já redigiu escritura de venda...

BENEDITO — É lá possível isto?!

JOHN — Oh, velho ser maluca.

BENEDITO — E você está muito apaixonado.

JOHN — Oh, muita apaixonada. Mim non pôde dórmir, pensando menina.

BENEDITO — É como eu; danisquinho.

JOHN — Meu noiva morreu mez passada.

BENEDITO — Ah, seu noiva morreu mez passada? E você era noiva? (Gesto afirmativo de John) — Já quer arranjar outra, hein? É como pau de porteira; acaba-se um, bota-se outro.

JOHN — Oh, yes. Mim namorava há muita tempo, um vizinha meu, e estava casarr.

BENEDITO — Homem deixa lá stá, qui esse namora assim parede e meia deve ser é o suco.

JOHN — Allright. Serr very good. Quando mim queria chamava meu namorada conversarr janela mim (Coloca apito na boca e sopra) apitava.

BENEDITO — É quando era ela que queria apitava também?

JOHN — Oh!... Nô... Nô. Ela perguntava: “apitou, John?”

BENEDITO — Homem era bem imaginada a conchambrança. E eu vou adotar este sistema apitativo.

JOHN — Good bye, míster pólicia. (Sai D. B.)

BENEDITO — Good bye. Camone. Very good com batatas. (Outro tom. Só). Eu também vou dar um bordo. (Vai a sair E. A. Garibaldi aparece).

GARIBALDI (entrando E.A.) — Então, Caetetú, viste a Xandoca?

BENEDITO — Qual nada, homem! Volto com os beijos com que mamei. (Sai).

GARIBALDI (à parte) — Ela não é para os teus beijos, meu pedaço d’asno!... (Catarina aparece à porta).

## Cena VI

### Garibaldi e Catarina

GARIBALDI — Oh, adorada e estimabilíssima discipula! Toque (Aperta-lhe a mão).

CATARINA — Ai, home. Aperte cum menas força. (Fica a sacudir a mão).

GARIBALDI — Esqueci-me de pedir autorização ao Coronel para dar à senhorita, algumas lições de dança.

CATARINA — Lição de dança, também?

GARIBALDI — Perfeitamente. De rag-time, de fox-trot.

CATARINA — E é preciso isso pro’concurso?

GARIBALDI — Não. Para o concurso, não. Mas faz parte da boa educação o saber dançar.

CATARINA — Eu até danço; mais num é lá muito bem, não.

GARIBALDI — Pois é necessário aprender a dançar é, inegavelmente, o mais inefável prazer da vida, é o expoente máximo da felicidade humana. (Canta)

A dança exprime,  
A gentil deidade,  
Prazer sublime  
Da mocidade.

Nunca foi crime  
Amar-se a dança  
Em nossa idade  
Prazer  
Prazer sublime  
Em que se lança  
A modidade... (dançando)  
É inebriante, é divinal  
O enlaçar-se uma criatura  
    Assim, tão ideal..  
Ai, que inefáveis sensações  
Ao se gozar uma ventura  
    Assim celestial  
Bem risonhas são as ilusões  
Sonhos de amor a afogarem  
Os nossos corações...  
Prazer abençoado  
De infindas emoções.

OS DOIS —

Quantas delícias  
Noss'alma sente  
De amor ardente  
Ternas carícias...  
Enleva a mente  
Um fox-trot  
Assim dolente...  
De amor  
De amor ardentes  
Quantas delícias  
A alma sente.

(Nicolau aparece à porta observa e depois, vai a porta e faz sinais chamando o pai).

É inebriante, é divinal  
O enlaçar-se uma cintura  
Assim, tão ideal..  
Ai que inefáveis sensações  
Ao se gozar uma ventura  
    Assim, celestial.  
Bem risonhas são as ilusões,

Sonhos de amor a afagarem

Os nossos corações

Prazer abençoado

De infundas emoções...

(Pouco antes de findar o canto, Marcolino aparece e Nicolau aponta para os dois).

## Cena VII

Garibaldi, Catarina, Nilocau e Marcolino

MARCOLINO — Mas qui história é essa?! (Os dois se assustam Catarina fixa os olhos no chão).

GARIBALDI (à parte) — Ou diabo!

NICOLAU — Eh! Eh! Eh!

MARCOLINO — Hein, seu Garibaldi?

GARIBALDI — Estava ensinando D. Catarina dançar fox-trot.

MARCOLINO — Eu lá quero a minha filha trotando, seu Garibaldi! Quem trota, lá no sertão, é cavalo choutão. seu Garibaldi!

NICOLAU — Eh! Eh! Eh!

GARIBALDI — Mas coro...

MARCOLINO (interrompendo-o) — O senhor logo num vê que eu num truve a Catarina do Cariri mode ví aprendê aqui no Ceará o passo da ema, seu Garibaldi!...

NICOLAU — Eh! Eh! Eh! (Cantarolando) — Oi o passo da ema, peneruê! Lá do meu sertão, peneruê... Todo passo avôaa, peneruê. (14)

MARCOLINO (interrompendo-o) E você é um bestaião, peneruê.

NICOLAU — Eh! Eh! Eh!

GARIBALDI — A dança, Coronel, é um entretenimento inocente. Na Grecia ela faz parte da educação nacional.

MARCOLINO — Mais nós num tamo na Greça, seu Garibaldi. (Noutro tom) — Passa lá pra dentro Catarina. (Catarina entra em casa) E o senhor fica, de ora em vante proibido impreterivelmente, de ensiná a minha filha — o passo da ema, tá ouvindo? (Noutro tom) Do que, para constar, e alegar não possa ignorança, assim declaro em publico e raso. (Entra em casa).

NICOLAU (para Garibaldi) — Eh! Eh! Eh! Eu vi aquele negoço assim agarrado, e tal e coisa, e fui chamei o papai mode vim vê aquela arrumação! Eh! Eh! Eh!

GARIBALDI — Vai te coçar, idiota. (Vai a sair e Benedito aparece).

---

(14) Música da Ema, do autor popular Bumba-meu-boi.

## Cena VIII

Garibaldi, Benedito, Nicolau e depois Xandoca

GARIBALDI — Já de volta, Caetetú?

BENEDITO — É verdade, homem. Eu ando como cobra quando perde o veneno.

GARIBALDI — Você é, realmente, um caso sério. (Sai F.)

BENEDITO (para Nicolau) — Oi, menino.

NICOLAU — Inhô.

BENEDITO — Vem cá.

NICOLAU (aproximando-se) — Que qui o senhô qué?

BENEDITO (tirando carta do bolso) — Você será capaz de entregar esta carta a Xandoca?

NICOLAU — Deixe eu vê (Recebe-a) E você num iscorrega nada pur isso não, hein?

BENEDITO — Depois eu lhe dou.

NICOLAU — Home, esse negócio da gente tocá trombone fiado, é o diabo. Deixe vê o meno uns níquezim pô cigarro. (Estende a mão, Xandoca aparece à porta).

BENEDITO (baixo) — Ah! Lá vem ela. Entregue a carta, menino.

NICOLAU (idem) — Não. Iscorregue prêmêro u'a coisinha. Fiado num vai, não.

BENEDITO (dando-lhe um níquel) — Pega, desgraçado.

NICOLAU — Agora sim... Tá qui, Xandoca.

XANDOCA — O que é isto, Nicolau?

NICOLAU — É u'a carta daquele home, pra tu.

XANDOCA — Não recebo; devolva.

NICOLAU (para Benedito) — Pegue seu sordado. Ela num qué recebê, não.

BENEDITO — Entregue a ela.

NICOLAU — Tome a carta, Xandoca.

XANDOCA — Não recebo, já disse.

NICOLAU — Ah, vocês num querem arrecebê não?! (Levantando a mão) Quem é o dono ou dona desta prenda? Num aparecendo eu vou rasgá.

BENEDITO — Num faça isso não, miserável. (Toma-a)

XANDOCA (simultâneamente) — Rasgue.

BENEDITO — Xandoquinha, permita ao menos que eu leia a missiva, em voz alta.

XANDOCA — O senhor é o homem mais cacete do Ceará .

BENEDITO — E a senhora é a moça mais bonita do mundo. (Rasga o envelope e lê): “Xandoca, idolatrada. O desdém com que me trata, é o fator primordial do desalento de minh'alma. **Extrair** do coração a **raiz cubica** deste amor; que vem tomando proporções contínuas e assombrosas, é impossível. Não te queiras **subtrair** ao meu afeto. Conseguir o teu amor

é hoje o meu **máximo problema**, é o **x** das minhas cogitações diuturnas, é uma das **operações fundamentais** da minha vida, é uma **proposição indeterminada** e complexa cuja solução acarretaria a minha felicidade, elevada ao **quadrado da terceira potência**. (Nenhuma **parcela** de ressentimento abriga no **cubo** de minh'alma pelo modo desdenhoso por que me trata. E isto de resto é o **resultado** de minha paixão por ti.) E a **prova real** e **matemática** do que afirmo, está na sinceridade destas linhas, que representam apenas, uma **fração mínima** do muito que, de viva voz, tenho a dizer-te. Recebe um milhão de toneladas de beijos afetuosos. De quem almeja ser o teu **máximo denominador comum**. Benedito Caetetú da Silva" (Pausa) Agora pode dar-me a resposta, bocalmente?

XANDOCA — O senhor é um imbecil.

NICOLAU — Eh! Eh! Eh!

BENEDITO — Pronto! Zero no quociente. Reduziu-me a mínimo denominador comum. (Reduziu-me a sulfato de pó de pólvora (\*).

XANDOCA (à parte) — Não haverá um meio de ver-me livre deste sinapismo?

BENEDITO — Tu me pões doido, Xandoca. Doidim varrido. Ou te resolves a seres Madame Caetetú, ou eu me enforco.

XANDOCA — Enforca-se lá o que! Isto você já deve estar amarelo de repetir à suas namoradas.

BENEDITO — Eu? (Canta)

Lá isso, não!

Sincero eu sou, tu podes crer.

Meu coração

Por ti somente há de bater

Não tens razão

De duvidar, anjo adorado

Deste amor

Que assim me faz tão desgraçado

Ó minha flor!...

XANDOCA —

Faça o favor

De não me vir importunar

Um tal ardor

É realmente de espantar!...

Saiba o senhor

Que já estou perdendo a calma,

Com razão

Pois que já dei toda a minh'alma

E o coração...

---

(\*) Pólvora

BENEDITO —

Sou sincero e leal  
Nesta minha afeição  
Ó mulher de ideal  
Perfeição!  
Que terrível azar  
Que desgraça mortal  
Tu me queres matar  
De paixão!...

XANDOCA —

Já não sou menina

BENEDITO —

Olá!

XANDOCA —

Eu que sou ladina  
Não me deixo enganar.

BENEDITO —

Ai!...

Lá isso não  
Sincero eu sou, tu podes crer  
(Repetem do princípio) (Enquanto os dois cantam Nicolau  
arremeda a gesticulação de Benedito).

NICOLAU — Oi! esse negócio!... O papai vem ali...

XANDOCA — O melhor que o senhor faz é retirar-se. Se o Coronel  
o encontrar aqui, temos estralada. (Marcolino aparece à  
porta).

BENEDITO — Pois até breve, deliciosa parcela de minha'alma.  
(Sai às pressas).

## Cena IX

Xandoca, Nicolau e Marcolino

MARCOLINO — O que qui queria aqui aquele badameco?!

NICOLAU — É o namorado da Xandoca, papai. Trouxe até u'a  
carta prá ela.

MARCOLINO (espantado) — O que, homem?!

XANDOCA — Isto é menos verdade.

NICOLAU (para Xandoca) — Menas verdade, inhora não. (Para  
Marcolino) Ói tá qui dois tostões qui ele deu a eu modo  
intregá a carta dele a ela.

MARCOLINO — E tu agora tá feito pau de cabeleira, Nicolau?  
(Para Xandoca) Aquilo é um pirata perigoso Xandoca!  
Cum pouco mais ele qué t'insiná a manejo das arma, qué  
t'insiná a nadá no má, a fazer ginasca suética. Aquilo é  
um desgraçado...

XANDOCA — Eu nenhuma importância ligo àquele indivíduo. Namorá-lo eu?! Quando! (Noutro tom) Olhe, Coronel, era mais fácil eu me deixar embeijar pelo senhor do que por aquele sujeitinho...

NICOLAU — Eh! Eh! Eh!

MARCOLINO — Pur eu? Ai, Xandoca!... (Com a mão no coração) Não despertes o leão, que dorme... (Xandoca entra em casa a rir).

NICOLAU — Ou leão véi danado.

MARCOLINO — Tu me arrespeita, Nicolau!... Quando'eu te pegá, agora, a surra num é desse mundo... (John entra da D. B. ao avistar Marcolino sai apressadamente) — Pega! Pega prá matá. (Ri) Ou inguilez fraco! (Ri) (Albertina aparece e pouco depois, Nicolau entra em casa).

### Cena X

Marcolino, Albertina e depois Garibaldi

ALBERTINA — Meu tio resolvi mandar chamar Míster Robertson para ter com ele uma explicação sobre o pedido que fez da minha mão.

MARCOLINO — Míster Rober?! Nunca que ele veio pedir tua mão.

ALBERTINA — Num veio? E como o senhor disse que ele tinha vindo que era doido e que até o senhor tinha abrecado aqui pelas bitáculas?!

MARCOLINO — Inhora não. Esse míster veio foi comprar a casa. Quem apareceu aqui pra te pedir a tua mão foi um idiota chamado Raposo, empregado da Norte Griffis.

ALBERTINA — Não é possível, meu tio. Certamente, há equívoco de sua parte. Não sei quem seja esse tal Raposo. Míster Robertson, escreveu-me, declarando-me apaixonado por mim, e eu o autorizei a vir entender-se com o senhor.

MARCOLINO (espantado) — Homem essa agora! Então o teu noivo é aquele sarão de desmamá criança?! (Noutro tom) — Pois o autor de toda essa embrulhada foi a canalha do Garibaldi.

ALBERTINA — O Garibaldi?

MARCOLINO — O Garibaldi, inhora sim. Me apresentou o inguilez, como candidato a compra da casa e o tal Raposo como pretendente a tua mão, e ainda pru riba, dizendo qui o home era mouco sem o home sê. Que patife, hein!! Mas fica descansada, Bertina. Fica descansada qui eu vou desembrulhar essa miada.

ALBERTINA — Então meu tio se encarrega disso.

MARCOLINO — Me encarrego. (Albertina entra em casa) — Mas qui patife! Deix'aquele bandido aparecê aqui!

GARIBALDI (entrando) — Oh, Coronel como vai essa bizzarria? O senhor é, realmente um grande homem.

MARCOLINO — E o senhor é na verdade um grande patife.

GARIBALDI (espantado) — O quê?

MARCOLINO — É um refinado patife.

GARIBALDI — Olhe eu não admito insulto.

MARCOLINO — É um refinadíssimo patife.

GARIBALDI (à parte) — O que diabo terá sabido?! (Passeia agitado, fecha a carranca, e depois, indo a Marcolino) — O senhor já prestou atenção à minha catadura?

MARCOLINO — Qual a catadura, nem catamole. O senhor é um canalha.

GARIBALDI — Não repita a palavra.

MARCOLINO — Arripito.

GARIBALDI — O senhor não é capaz.

MARCOLINO — Arripito mil vezes.

GARIBALDI — Pois repita... Repita se é homem.

MARCOLINO — O senhor é um grandíssimo canalha.

GARIBALDI — Toque!... Assim é que eu gosto dos homens.

MARCOLINO — Vá tocar no diabo que o carregue. (Entra em casa).

GARIBALDI (só) — Mas que bicho o terá mordido? (John entra cautelosamente à espreita).

## Cena XI

### Garibaldi e John

GARIBALDI — O que procura, Míster Robertson?

JOHN — Coisa alguma. Mim estava receia encontrar velha Marcolino.

GARIBALDI — Olhe: eu agora estava convencido de que o tal velhote é, com efeito, maluco.

JOHN — Oh, ser doida varrida.

GARIBALDI — De fato. Ora, quer vender a Albertina por oito contos.

JOHN — Oh, Albertina, nô.

GARIBALDI — Albertina, nô? O senhor não disse que...

JOHN (interrompendo-o) — Oh, nô ser Albertina.

GARIBALDI — O senhor não fez um bilhete a ela?

JOHN — Oh. nô. Ser outro menina casa.

GARIBALDI — É outra? Não é, então, Albertina a sua apaixonada?

JOHN — Oh, nô. Minino Albertina ser maluca.

GARIBALDI — Toque. A Albertina vai tomar um bluf, que me enche as medidas. (Eu li o seu bilhete, o senhor escreveu: “Menina” mas não botou o nome. Albertina então julgou que aquilo se referia a ela. Magnífico!... Então é a outra menina da casa?)

JOHN — All right. (Sai).

GARIBALDI (só) — Albertina vai ficar fumando!... (Noutro tom) Mas então é a Xandoca! Por esta não esperava eu... (Xandoca aparece).

## Cena XII

### Garibaldi e Xandoca

GARIBALDI — Meus parabéns Xandoca.

XANDOCA — Não completo anos hoje.

GARIBALDI — Não se trata de aniversário, e sim de teu futuro.

XANDOCA — No meu futuro só diviso sombras.

GARIBALDI — Pelo contrário. Descortina-se límpido e fagueiro. Inspiraste tal paixão a mister Robertson que...

XANDOCA — Mister Robertson?! Nunca trocamos palavras. Isto é lá com Albertina.

GARIBALDI — Sabe do bilhete que ele mandou?

XANDOCA — Sei sim.

GARIBALDI — Pois bem: era a ti endereçado.

XANDOCA — A mim?

GARIBALDI — A ti, sim e não à Albertina. Foi o próprio inglês que me disse. E está no propósito de desposar-te.

XANDOCA — Mas eu é que não o quero.

GARIBALDI (surpreso) — Não o queres? É possível? Um homem de posição, rico...

XANDOCA (interrompendo-o) Pobre como sou, não me seduzem a sua posição e a sua riqueza. Não o amo e portanto, recuso.

GARIBALDI — Mas reflete...

XANDOCA — Recuso, já disse. Já não sou senhora do meu coração.

GARIBALDI — Amas a alguém, então?

XANDOCA — Sem esperanças.

GARIBALDI — Mas a quem, dize.

XANDOCA — Não me interrogues; peço-te.

GARIBALDI — Ah!... Amas, sim... Amas e é a mim.

XANDOCA — Oh! meu Deus! como os homens são pretenciosos...

GARIBALDI — E como as mulheres são dissimuladas... (Noutro tom) Olha Xandoca, dizer-te o que eu sinto neste momento dentro em mim, é impossível. (Cantam).

GARIBALDI —

A vida nos sorri  
Como um vergel em flor  
Tu és, formosa huri  
Meu verdadeiro amor  
Erguer vamos, coração  
O mais ditoso lar  
E em santa paz então  
Amar, viver, sonhar

Ai amor o teu olhar  
Me seduz  
No seu magno sintilhar  
que traduz  
A candura ideal  
modelar  
De tua alma divinal  
e sem par

XANDOCA —

Façamos com carinho  
A trescalar odores  
O nosso amado ninho  
Oculto entre mil flores  
Erguer vamos coração  
O mais ditoso lar  
E em santa paz então  
Amar, viver, sonhar

Sempre e sempre eu te quis  
com calor  
E eu me sinto bem feliz,  
meu amor  
Junto a ti assim radiante  
de paixão  
O coração febricitante  
A palpitar de emoção

GARIBALDI. —

Ai Xandoca

### Cena XIII

Os mesmos e Marcolino

MARCOLINO (entrando) — Quê qui está fazendo aí, hein, seu patife?

GARIBALDI — Estou procurando...

MARCOLINO — Procurando o que?

GARIBALDI — O broche da Xandoca. Perdeu-se.

MARCOLINO — Ah! é o broche da Xandoca, hein seu desbriado?!

GARIBALDI — É sim senhor.

MARCOLINO — Pois procure. O senhor tem que dá conta dele hoje.

GARIBALDI (à parte) — É pau procurar-se uma coisa que não se perdeu. (Anda de joelhos, procurando).

MARCOLINO (à parte) — Este bandido está mentindo. (Xandoca, disfarçadamente, entrega-lhe por traz das costa um broche).

GARIBALDI — Pronto; achei-o (Lavantando-se e entregando-o ao Coronel). Ei-lo, Coronel.

MARCOLINO (recebendo-o) — Julgo procedente a justificação, à vista de prova dada. (Passando-o a Xandoca, que se dirige à casa e entra) — Isto não quer dizer porém, que, o senhor não seja um canalha. Não seja um canalha.

GARIBALDI — Homem, ainda?! Pois fique sabendo que eu agora sou outro homem, viu? Se ainda há pouco, não tive coragem precisa para reagir, agora tenho.

MARCOLINO — Antonce se indagorinha não tinha, agora tem, num é? (Disfarçadamente mete a mão no bolso do revólver).

GARIBALDI — Perfeitamente.

MARCOLINO — Pois vamo lá vê isso. (Saca repentinamente do revólver) Bote as mãos para riba como nas fitas cinematográficas. (Recuando de costas).

GARIBALDI — Mas o que é isso?!... Meta isso no bolso... vire o cano prá lá. (À parte vexado) Ah, um polícia aqui.

MARCOLINO — Homem sem bigode, sem barba e sem vergonha! Antonce ainda tem coragem?

GARIBALDI — Tenho lá o que. Foi-se. Mas guarde isso. Vire o cano prá lá. (À parte) — Está quando eu dava agora dois mil réis por um polícia.

MARCOLINO — Pois fique desde já prevenido, hein: é sair fora dos trilhos e eu o queimo.

GARIBALDI — Sim senhor. Estou ciente. (Marcolino entra em casa) Ufa! Matuto desgraçado!... Fez-me raspar um susto dos diabos. Estava vendo a hora que ele disparava! (Benedito entra a ler uma revista entusiasmado).

## Cena XIV

### Garibaldi e Benedito

BENEDITO (entra da D. B. lendo uma revista, entusiasticamente) “Fui eletricamente atraído pelos focos dos teus olhos, que mais luz...”

GARIBALDI (interrompendo-o) — Chegaste tarde, Caetetú.

BENEDITO — Cheguei tarde?

GARIBALDI — Chegastes, sim. Estive há poucos momentos em risco de ser assassinado.

BENEDITO — Assassinado?

GARIBALDI — Assassinado, sim.

BENEDITO — Aqui?

GARIBALDI — Aqui.

BENEDITO (lendo) — “Fui eletricamente atraído pelos focos dos teus olhos...” Quem foi que te quis matar?

GARIBALDI — O Coronel Marcolino.

BENEDITO (espantado) — O Coronel? “Pelos focos dos teus olhos que dão mais luz que duas lâmpadas...” Eu vou abrir o inqueritis, viu? “Que dão mais luz que duas lâmpadas de cem velas, meio watt”.

GARIBALDI — Mas que diabo é isso? Está ficando doido?

BENEDITO — Tou decorando ist'aqui prá sapecá a queima-roupa, em cima da Xandoca. É u'a declaração elétrica. A matemática não deu resultado, e eu vou apelar para a eletricidade.

GARIBALDI — Então cuidado em isolar-se.

BENEDITO — “Fui eletricamente atraído pelos focos dos teus olhos, que dão mais luz que duas lâmpadas de cem velas, meio watt. A corrente que me atrai é positiva. Meu coração está incandescente, e é contínua a idéia de desposar-te. Com a energia de um dínamo...

GARIBALDI (interrompendo-o) — Dinâmo não, homem, é dínamo. O vocábulo não é esdrúxulo.

BENEDITO — Foi um lapso. “com a energia de um dínamo 25 HP.” Este negócio de 25 HP é que eu não sei o que seja.

GARIBALDI — Não sabes? Quer dizer força de 25 cavalos.

BENEDITO — Ah, é isso? Então é pouco. Vamos aumentá isso. “Com a energia de um dínamo de 225 HP...” (Noutro tom) Só aguentei 200 (continuando)... é que eu desejo essa ligação. Para isto, estou disposto a queimar os fusíveis. Tá bom?!

GARIBALDI — Homem é estupendo isso, é uma pilha!...

BENEDITO — Desta vez, ou eu venço, ou dou um circuito.

GARIBALDI — Pega fogo, de certo, ao estopim do amor...

BENEDITO — Acha bom eu acabá a declaração, de joelho, como nos drama?

GARIBALDI — Magnífica idéia.

BENEDITO — O diabo é sujar as calças nos joelhos.

GARIBALDI — Isto não vale nada. Até. (A parte) Vou ao Castelo chamar a negra. (Sai D.B.)

(Marcolino sai de casa com uma toalha, dirige-se à barraca, onde entra, sem que Benedito o veja).

BENEDITO — Fui eletricamente, atraído pelos focos dos teus olhos... (Xandoca aparece) — Aí vem ela, coragem, Catetú. (Alto) — Xandoca!

## Cena XV

Xandoca, Benedito e Marcolino

XANDOCA — Pois o senhor não tem em que se ocupar a toda hora...

BENEDITO (interrompendo-a) — “Fui eletricamente atraído pelos focos dos teus olhos, que dão mais luz que duas lâmpadas de cem velas, meio watt.”

XANDOCA — Ora essa!...

BENEDITO — “A corrente que me atrai, é positiva. Meu coração está incandescente, e é contínua a idéia de desposar-te.”

XANDOCA — Quer desposar-me não?

BENEDITO — “Com a energia de um dinâmo”, dinâmo, não, que o vocábulo não é esdruxulo. “Com a energia de um dinamo, força de 225 HP, é que desejo essa ligação. Para isto, estou disposto a queimar os fusíveis...” Tá bom?

XANDOCA — Então quer desposar-me, realmente?

BENEDITO — De corpo e alma. (À parte) Ah, me esqueci de ajoelhar!...

XANDOCA — Mas mil obstáculos se anteporão ao seu desejo. Minha madrinha opor-se-á decerto.

BENEDITO (à parte) — As águas parece que dévergem... (Alto) Pois então fuja, meu amor.

XANDOCA — Fugir? (À parte) Oh! mas que divertida idéia me ocorre. (Alto) O senhor tem coragem de propor-me isto?

BENEDITO — E por que não, meu anjo? Minha mãe casou fugida e foi tão feliz...

XANDOCA (resoluta) — Pois bem, fuja.

BENEDITO — O que... Oh! ventura (À parte) Passa! A electricidade é que domina o mundo, não há dúvida. (Alto) — Olhe: vou telefonar pra garage; e meu primo que é chauffeur traz o automóvel. O sinal de partida será o fon-fon do bruto.

XANDOCA — Está combinado. Mas promete amar-me sempre muito?

BENEDITO — Oh incomensurável arcanjo, muito! (Ajoelha-se sobre a revista).

MARCOLINO (na barraca, à parte) — Homem quem diabo tanto fala aí fora? (Botando a cabeça) — Oh!

BENEDITO — Hei de adorar-te, assim, de joelhos, como só se adoram os santos.

MARCOLINO (à parte) — Mas que semvergonha.

BENEDITO — A tua imagem há de viver eternamente engastada aos soquetes de minh'alma. “Fui electricamente atraído pelos fôcos dos teus olhos...”

## Cena XVI

Os mesmos mais Garibaldi, John, Polibio, Gonçalo e Agripino

MARCOLINO (vestido de roupa de banho) — Que qui você faz aí ajoelhado, hein? Tá procurando o broche da Xandoca?

BENEDITO — Que qui eu faço?... Não senhor... estou trenando...

MARCOLINO — Trenando?

GARIBALDI (entrando com os piratas) — E isto aqui será algum campo de foot-ball? (Riem). Mas vejam que cena, hein?

MARCOLINO — Xandoca, quantos namorados tu tem, então? De 15 em 15 minutos eu acho um ajoelhado. Passa lá pra dentro.

BENEDITO (baixo à Xandoca, levantando-se) — Num se esqueça. Olhe lá. (Xandoca entra).

BENEDITO — O único namorado que ela tem sou eu.

GONÇALO — Pois sim...

BENEDITO — Ego sum. Sua excelentíssima sobrinha, seu Coronel é que namora um **team**, uma **scratch**. Tem tantos namorados quantos dedos tem na mão. Senão veja lá. Dedo mindinho, seu visinho, maior de todos, fura bolo, cata pio-lho.

MARCOLINO — E dizer-se que há tanta falta de braços para a lavoura! (Dirige-se ao mar).

GARIBALDI — Vamos negrada.

TODOS — Vamos (Vão a sair).

BENEDITO (chamando) — Ei! Seu Garibaldi (Garibaldi aproxima-se em segredo) — A praça rendeu-se, sabe?

GARIBALDI — A praça? Rendeu-se? Que praça?

BENEDITO (baixo) — A Xandoca.

GARIBALDI — Você está louco? O que quer dizer com isso?

OS PIRATAS (chamando) — Garibaldi, vamos.

GARIBALDI — Vão andando. (Saem rindo).

BENEDITO — Quero dizer que ela se resolveu, afinal, a ser madame Caetetú.

GARIBALDI — Não creio.

BENEDITO — Não crê? E se eu lhe disser que ela combinou fugir comigo hoje?

GARIBALDI (alto) — Fugir? A Xandoca?

BENEDITO — Fale baixo, desgraçado. Qué botá tudo a perder? (Noutro tom, baixo) — De automóvel. Eu cá sei fazer as coisas...

GARIBALDI — Não é possível.

BENEDITO — Pois fique sabendo que o sinal combinado é o fon-fon do bruto.

GARIBALDI — Mas eu não posso acreditar em semelhante cousa. Ela que recusou casar com o Mister Robertson, fugir com você!... Não é possível.

BENEDITO — A simpatia é tudo homem. (Noutro tom) Mas então o tal inglês também qué namorá a Xandoca, hein? Deixa está que na primeira ocasião eu desafio ele para u'a luta romana no Majestic (15) (Noutro tom) Chi. Está escurecendo... Vou atrás do auto. (Sai F.)

GARIBALDI (só, depois de refletir) — Não. Não posso. Não posso acreditar. (Sai).

---

(15) Majestic Pálace, cine-teatro de Plácido Carvalho, inaugurado a 14 de julho de 1917 Lá se apresentaram grandes companhias e circos. Incendiou-se em 1955. Continuando exclusivamente como cinema, de propriedade da Empresa Severiano Ribeiro, foi demolido em 1968.

(Vai escurecendo, pouco a pouco. Marcolino volta do banho, muda a roupa na barraca, e dirige-se à casa, onde entra).

MARCOLINO — Ou frio desgraçado. Tou batendo queixo. (A lua surge no firmamento e o farol de Mucuripe acende-se. Vê-se o clarão do farol de um auto que, pouco depois, fonfona. Benedito entra em cena. Os pescadores cantam. Surge da casa um vulto de mulher envolvida em um capote ou manto, saem os dois em direção ao auto, que parte)

(Canção dos pescadores — com a música da... — cantada, a violão nos bastidores ou por pescadores que atravessem a cena).

Ai amor! Ai amor!  
É bem sincero  
O coração do pescador.  
Ai amor! Ai amor!  
É com ardor  
Que sabe amar o pescador!

Por sobre as águas  
Nossa jangada  
Desliza airosa  
Mal surge ao longe a madrugada  
E esquecendo as duras mágoas  
Desta vida aventureira  
Canta o pescador  
Em canção saudosa  
O seu amor!

Ai! amor! Ai! amor  
É bem sincero  
O coração do pescador  
Ai! amor! Ai! amor!  
É com ardor  
Que sabe amar o pescador.

Ao morrer do dia  
Quando o sol descamba  
Oh que alegria  
Se acaso traz, cheia a cassamba  
E esquecendo as duras mágoas  
Prazenteiro, o pescador  
Vem por sobre as águas  
A relatar o seu amor

Ai amor! Ai amor!  
É bem sincero  
O coração do pescador  
Ai! meu amor! Ai meu amor!  
É com ardor  
Que sabe amar  
O pescador.

(Fon-fon de um auto — Um vulto de mulher sai de casa e vai com Benedito).

GARIBALDI (ao ouvir o fon-fon de partida do auto, Garibaldi entra às pressas da D.B. vai ao fundo e grita) — Pára! Pára! (Desce) — Cheguei tarde!... Que desgraça. (Vai à porta e bate) — Coronel!... Coronel Marcolino!... (Bate novamente) — Coronel Marcolino.

### Cena XVII

Garibaldi, Marcolino e depois Albertina e Catarina

MARCOLINO (dentro de casa) — O que diabo é isso? Vá s'imbora. Isso lá são horas de incomodá a gente!

GARIBALDI — Faça o favor de abrir.

MARCOLINO (dentro) — Vá para o diabo.

GARIBALDI — É negócio urgente, Coronel.

MARCOLINO (aparecendo com uns jornais à mão) — Depois é você! Você qué caçoá comigo, hein?!...

GARIBALDI — Não senhor. Quero comunicar-lhe um acontecimento inaudito.

MARCOLINO — O que, homem?

GARIBALDI — A Xandoca.

MARCOLINO — Qué que tem?

GARIBALDI — Acaba de fugir, agora mesmo.

MARCOLINO (espantado) — Fugiu?

GARIBALDI — Em companhia do Caetetú.

MARCOLINO — É lá possible!

GARIBALDI — O senhor ouviu o fon-fon de um auto?

MARCOLINO — Uvi. Tava lendo os jornais.

GARIBALDI — Pois ela fugiu naquele automóvel (Fica a pensar)

MARCOLINO — Albertina! Catarina!

AS DUAS (dentro) — Sinhô?

MARCOLINO — Se voces ainda tão vestidas, venhum inté cá depressinha. (As duas aparecem) — A Xandoca fugiu.

AS DUAS (admiradas) — A Xandoca?

MARCOLINO — Inhora sim. Com o Caetetú.

CATARINA — Virge Maria! (Benze-se).

ALBERTINA — A mim aquela sonsinha nunca enganou.

## Cena XVIII

Os mesmos mais John

MARCOLINO — Pois olha que a mim... (John vai passando a cantarolar, vendo o Coronel tenta fugir, mas este agarra-o)  
— Taqui o bruto Bertina. Vamo agora desembruiá a meada.

JOHN — Senhor faz favor soltarr?

MARCOLINO — Aposis sim. Mas num fuja, viu? Precisamos nos isplíca. O senhô veiu pedir a mão da Bertina e...

JOHN (interrompendo-o) — Oh, nô. Mim nô veio pedir mão menina Albertina.

MARCOLINO — O que? (Albertina olha-o admirada)

GARIBALDI — É, houve engano. Ele veio pedir foi a mão da Xandoca.

TODOS (admirados) — Da Xandoca?

ALBERTINA — Mas que inglês descarado. E você não me escreveu um bilhete, amoroso, seu desgraçado?

JOHN — Oh nô.

GARIBALDI — Ele escreveu foi à Xandoca.

JOHN — Oh nô. Mim nô escreveu menina Xandoca.

GARIBALDI — Essa agora!... E você não disse que havia escrito o bilhete a outra menina da casa?!

MARCOLINO — Antonce num escreveu nem à Bertina, nem a Xandoca... Não vê qui me iscreveu pra mim?

JOHN — Oh, nô.

MARCOLINO — Mas com os diabos, homem. Diga antonce a quem foi. É só: Oh, nô!

JOHN (apontando Catarina) — Foi a esse menina aqui.

TODOS — Oh! A Catarina.

JOHN — All right. Mim quer casar esse menina.

MARCOLINO — O que?... E vosmicê quê qui me arresponde a isso, Catarina?

CATARINA — Se o papai querê...

MARCOLINO — Eu vou pensá no causo. Eu sei lá o qui diabo sairá daí...

GARIBALDI — Foi boa escolha Míster Robertson. Quanto a Xandoca... bateu a linda plumagem.

JOHN — Linda plumage?

GARIBALDI — Sim, quero dizer: a Xandoca fugiu.

## Cena XIX

Os mesmos e Xandoca

XANDOCA (à porta) — É falso.

TODOS — A Xandoca!

XANDOCA (da porta) — Quem está aí a caluniar-me? É o senhor Garibaldi?

BENEDITO — Quando me lembro qui beijei essa desgraça, chego fico inguiando... Ou curubento horreoso.  
(Um cabo de Polícia entrando) — Mas qui arriboliço é um estas horas?...

MARCOLINO — Foi esse colega qui tentou raptar uma donzelia.

BENEDITO — Mas as minhas intenções eram ótimas, de rancho...  
Eu queria era casar.

CABO — Casar? E você não é casado?

BENEDITO — Homem eu sou, mas é com um bacamarte desgraçado. E mesmo é só no religioso e posso muito bem casar com outra no civil. Si a dona Xandoca quisesse...

GARIBALDI — A Xandoca é minha noiva.

BENEDITO — Sua noiva?

GARIBALDI — É. E a Catarina vai casar ali com míster Robertson.

MARCOLINO — Se eu consentir...

JOHN — All right.

NICOLAU — A Oropa se incruvou ante o Brasil... Tararabim... Tararabim... Tararabim...

GARIBALDI — Só há mesmo disponível aqui a Albertina.

ALBERTINA — Eu prefiro ficar solteira a casar com um canalha como o senhor.

GARIBALDI — Muito obrigado. Amanhã serão afixados os proclamas para o casamento de Garibaldi Leão Bravo e da senhorita Alexandrina Gusmão.

MARCOLINO — Alexandrina Gusmão? O teu nome é Alexandrina Gusmão, Xandoca?

XANDOCA — É sim senhor.

MARCOLINO — E teu pai, que fim levou?

XANDOCA — Não sei. Abandonou-me pequenina e embarcou par'o Amazonas.

MARCOLINO — Apois home eu li indagorinha neste jornal um edital, chamando Alexandrina Gusmão pra receber uma herança de 30 contos deixada por seu pai, falecido no Xapuri.

GARIBALDI — O que?

BENEDITO — Ai... o que eu perdi... Fui roubado...

MARCOLINO — Eu num quero sê o pai de meus filhos si esse mocinho não leu isso no jornal.

GARIBALDI — Eu? Por Deus como não li.

BENEDITO — Que pirata... Eu comparado com ele sou um donzel.

MARCOLINO — Vocês todos são uns piratas... Inté eu qui vim do Cariri cumo um donzêlio já estou bancando o pirata...

CORO (cantam) —

Piratas... o amor  
À glória conduz...  
Terrível piratas  
Da terra da luz...  
Corsários... o amor  
Saudemos à fluir  
Vibrantes de intenso ardor...

Ai amor... Amor...  
Da vida humana  
És o senhor  
A esta caravana  
De alta piratagem  
Tu és que dás coragem...

— F I M —